



Ressignificação do “Eu”: Fatores de Crise do Indivíduo Pós-Moderno¹

Paulo BESSONI²

Liziane GUAZINA³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

A expansão tecnológica, o surgimento e a consolidação de novos meios de comunicação e os fenômenos decorrentes da globalização colocam o ser humano no centro de uma problemática cuja discussão é necessária. Apesar dos diversos avanços no que se refere a melhorar a comunicação humana, curiosa é a intensificação de certos tipos de “crises existenciais”, sobretudo as relacionadas a comportamentos niilistas. Além das novas noções de temporalidade e espacialidade, mudanças envolvendo identidades culturais variadas são alguns dos sintomas que nos posicionam diante de questões acerca de nossos próprios vazios. Manifestando-se, de forma especial, nos movimentos artísticos, esses novos acontecimentos merecem cuidadosa atenção. Neste artigo, propomo-nos a refletir sobre essas questões a partir da interface com os escritos de Clarice Lispector.

Palavras-chave

Comunicação; socialização; moralidade; temporalidade; pós-modernidade.

1. Introdução

Compondo o cenário das rápidas mudanças que se processam dentro de nossa sociedade global, as crises existenciais podem ser definidas, de maneira simples, como sendo o conjunto de diversas etapas necessárias à adaptação dos indivíduos aos novos meios de comunicação, ou melhor, aos novos padrões de relacionamento e de construção da moral comum a todos. Não abordando, apenas, a transitoriedade da vida, cujo aspecto efêmero independe de época ou civilização, este artigo tenta representar o pensamento específico que cresce junto com as relações comunicacionais estabelecidas e com a evolução das novas tecnologias, que impõem novas formas de pensar a própria existência humana. Para embasar essas reflexões, utilizamo-nos de estudos formais,

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do curso de Comunicação Social da UnB, email: paulo_bessoni@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UnB, email: liziane.g@uol.com.br



sobretudo de *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, 1996, de Stuart Hall, e de algumas crônicas selecionadas de Clarice Lispector, em *A Descoberta do Mundo*, 1984.

Vimos apresentar algumas ideias formuladas a partir de um recorte social, que são os desdobramentos das referidas crises existenciais a partir das diversas contradições que suscitamos ao produzir nossas culturas. Parece-nos controverso, para dizer o mínimo, que tenhamos evoluído sobremaneira nossos suportes de comunicação – quer sejam esses representados na figura da internet, dos mais recentes aparelhos de celular, ou quaisquer outros – para, afinal, termos como resultado comunicações/relações efetivamente mais problemáticas e doentias. Priorizamos, na troca de nossas ideias no mundo contemporâneo, um modo instantâneo e veloz – muitas vezes em detrimento do próprio conteúdo – e construímos, aos poucos, nossa própria problemática. Por uma ótica mais intimista, observamos também o crescimento dos segmentos de produção cultural que têm como matéria prima o *nada*, ou seja, as escolas nihilistas e nem tanto, as próprias escolas pós-modernas que mostram os escritores como indivíduos perturbados, entediados, como pessoas que enfrentam seus vazios e não encontram saídas – ou, se encontram, são saídas questionáveis – para o tédio.

Podemos localizar alguns pontos de apoio para essa posição no desenvolvimento histórico-social de nossa civilização, alcunhada genericamente de “ocidental”. Vivemos num mundo materialmente mais rico, mais oportuno, onde ocorre a “destruição do espaço através do tempo” (HARVEY, 1989, p. 205), onde, cada vez mais, temos acesso à informação, a conteúdos simbólicos – e às suas produções – num piscar de olhos. As ciências se expandiram radicalmente no último século e na primeira década deste. A tecnologia crescente, o aparecimento de novas mídias e o próprio desenvolvimento social e econômico dos países – *estados nacionais*, conceito em crise – têm colocado luz sobre a sociedade globalizada em detrimento do indivíduo. Assim, por exemplo, de maneira curiosa, os países desenvolvidos tendem a ter taxas de suicídios mais altas do que os em desenvolvimento.

Além disso, e, intensificando as conseqüências do conflito, os questionamentos referentes às noções humanas de *tempo* e *espaço* acabam por tomar novos rumos, encarando as novas concepções que podem ter esses conceitos. Num mundo onde a temporalidade é mais discutível a cada nova tecnologia de transmissão de dados (como as mensagens de celular) e os espaços parecem encolher, por um lado, enquanto ainda existem concretamente, as pessoas comuns, que interagem com outras que vivem no lado oposto do mundo, falando idiomas diversos dos seus, têm toda razão por entrarem



em crise. Existem muitos pontos, ademais, que serão discutidos e apresentados, a título de questionamento. Quantas mais pessoas se questionarem sobre os efeitos da vida contemporânea e as suas causas, melhor: provavelmente não chegaremos a nenhuma conclusão antes do lançamento de outra tecnologia móvel que ponha mais questões em nossas mentes, mas teremos mais bases para compreender um mundo ao mesmo tempo menor e maior.

2. Resignificação do “Eu”

O conceito de crise existencial, por mais delimitado que seja, engloba diversos aspectos e interessa aos mais diferentes campos de estudo. Quer seja o posicionamento individual frente às exigências de uma sociedade, quer seja considerando a própria vida como sendo de natureza etérea, mística, entre outras, e atribuindo-lhe expectativas religiosas, o ser humano constroi sua moral a partir da solução de conflitos. Os exemplos citados, aliás, servem para esclarecer que tais conflitos podem ser de natureza explícita do embate entre o individual e o coletivo, ou mesmo de percepções mais pessoais de mundo (que obviamente não excluem as faces sociais do problema). Junto com nossos desenvolvimentos culturais, criamos determinados códigos – a partir de experiências próprias ou de relatos de terceiros – que, supostamente, nos orientam e encaminham para uma existência mais plena de significados.

Discutindo a problemática das crises a partir de um ponto de vista da Comunicação, podemos avaliá-las como sendo um fenômeno em larga escala, mesmo em seus desdobramentos mais individuais, que passa pela mediação dos meios que nós produzimos no intuito de veicular ideias. À Comunicação interessam, para além das morais de determinado povo e das crises decorrentes, em si, como esses costumes são transmitidos e os impactos das possíveis ressignificações pelas quais eles podem passar. É uma observação comum, acessível a todos, a expressa por Hall nos termos de que nós estamos *deslocados*. Contribuem para esse deslocamento as mudanças de percepção trazidas no bojo das nossas evoluções sociais, que constituem fatores os mais variados.

Entre os fatores que podem ser apontados, conseguimos visualizar claro conflito nas noções temporais mais recentemente desenvolvidas. Não tratamos mais do tempo cíclico e natural, nem tampouco do tempo fabril, vinculando ao relógio o processamento de nossas atividades diárias. A costumeira correlação feita entre tempo e espaço, no entanto, tem servido de catalisadora de um conflito entre o que é concreto e o que é abstrato, ou mesmo o real e o virtual. Uma mensagem de celular ou uma conversa



instantânea por uma rede social nos põem diante de determinada pessoa que está, concretamente, a quilômetros de distância. As maneiras que desenvolvemos para lidar com isso, contudo, são embasadas em momentos anteriores, mesmo considerando que algumas das mudanças que vivemos não têm precedentes históricos. Outros fatores que podem ser citados são o super-estímulo ao qual estamos submetidos, em conformidade com o desenvolvimento material que temos alcançado, que se debatem com nossos antigos – apesar de em constante reformulação – códigos morais.

No século XX ocorreram bastantes fatos que mudaram drasticamente nossa percepção de mundo. Alguns deles devidos a reações às imposições do século precedente, outros, reações ao espetáculo da barbárie a que pudemos assistir, de maneira resumida, duas Guerras de proporções gigantescas e inúmeras outras menores, mas não menos importantes. Observamos, por exemplo, as imigrações forçadas de determinados grupos sociais. Constatamos as perseguições étnicas e religiosas e a supressão de certas camadas políticas. Além de afetar a forma de as pessoas se relacionarem com o mundo, isso tudo foi também retratado pela arte. Surgiram as correntes conhecidas como “modernistas”, que admitiam nada aquém da destruição das “ordens antigas”, da construção de uma forma mais livre de pensar e agir. Na filosofia, percebemos o crescimento de correntes existencialistas. A psicologia e seus desdobramentos vieram se juntar a esses grupos, propondo novas explicações para os fatos da vida. As religiões, ademais, entraram em crise, uma crise nada particular, senão universal, pertencente ao homem moderno e – mais fortemente – ao homem pós-moderno, que surgia aos poucos, lutando contra si mesmo. Trata-se, portanto, da crise da própria existência.

2.1 Reflexões de uma semiparalítica em crise

O livro *A Descoberta do Mundo*, 1984, de Clarice Lispector, é um convite a um abismo. O abismo particular da escritora, que se mostra, a cada página, mais universal, comum e vivo: no fim, o abismo de todos. Em suas frases celebrizadas, encontramos uma mulher que se interroga, a todo o momento, sobre suas realidades e sobre o mundo que a cerca. Mais que isso, encontramos um ser humano em constante mutação em busca de uma resolução própria, de achar seus próprios caminhos. Talvez seja por isso que os leitores se identificaram tanto quando, a partir de 1967, Clarice foi convidada a manter uma coluna semanal no *Jornal do Brasil*, de onde só sairia em 1973. Durante esses anos, ela escreveu crônicas publicadas aos sábados, nas quais, diferentemente de



seus contos e romances, a escritora se “abria” para seus leitores, mostrava-se mais humana e próxima às realidades dos que a liam.

Em alguns de seus textos, Clarice escreve sobre como era difícil, para ela, essa novidade de ser cronista. Ela conta de suas conversas com o escritor Rubem Braga a procura de conselhos. Por fim, decide concluir que o que escreve não tem gênero, é apenas uma conversa, mesmo. Foi por causa dessas conversas, contudo, que tantas Teresas e Ivones se decidiram a manter Clarice como leitura semanal. Muitos leitores a escreviam pedindo que não fosse cronista de fato, que fosse apenas ela, *ainda que remunerada para isso* (pedido que ela parece ter atendido). Aliás, é quase óbvia a concepção de que ela mesma gostava da ideia. Durante alguns anos, uma escritora hermética e de difícil compreensão esteve mais próxima aos leitores comuns, homens e mulheres simples – alguns bem simples, que gostavam de ler *textos difíceis* – no que pareceu mais uma psicanálise aberta, na qual leitores e escritora se misturavam em sentimentos partilhados.

A escolha por Clarice e, mais especificamente, pela coletânea de suas crônicas – e novelas, anotações, contos – que a caracterizam como perfeita ilustração para este trabalho se dá por alguns motivos. Em primeiro lugar, muitos críticos literários marcam em Clarice o início da Literatura brasileira contemporânea, fato que nos faz questionar o porquê. Por outro lado, Clarice é uma escritora que mergulha profundamente na densidade do ser humano, na “descoberta” da própria alma, que a fez – ainda que não conscientemente – descobrir caminhos para todas as almas. É nas crises existenciais de Clarice Lispector que nasce a escritora que fala de coisas muito simples, muito banais, de formas tão complexas que o entendimento passa a ser, de fato, uma questão de *toca ou não toca*, não apenas do saber racional.

2.2 Das Crises Existenciais

Clarice escreveu uma crônica para o Jornal do Brasil (*Liberdade*), no período em que lá era colunista, na qual reclamava da intromissão de seu filho na forma pela qual cortava e penteava seus cabelos. O rapaz, de acordo com ela, afirmava que os cabelos da mãe ficavam feios quando penteados de certa forma. Tudo o que ela queria, no entanto, era o direito de ser feia. “Tive vontade de ir para o meu quarto, de trancar a porta à chave, de ser eu mesma, por mais feia que fosse” (LISPECTOR, 1969, p. 187). Clarice Lispector nos apresenta uma história cotidiana que poderia ser vista corriqueiramente e



interpretada de modo simples. Mas o que nós podemos extrair dela – e de tantos outros escritos produzidos na mesma época – é a necessidade aparente de espaço para “ser”.

Não apenas os escritores propuseram uma nova organização social, na qual seriam respeitados os direitos individuais das pessoas, assim como a legitimidade de sua busca pela felicidade. O assunto, como já mencionado, chamou a atenção de outras áreas. Stuart Hall, 1996, nos confronta com a ideia de que temos as nossas identidades deslocadas, não unificadas em torno de um *eu coerente*. Se tentamos assim pensar, de acordo com ele, é apenas para que possamos definir uma *narrativa do eu*. A constatação feita por Hall que aqui nos interessa é a de que estamos numa situação transitória de percepção das nossas identidades. As dúvidas suscitadas pelos avanços contemporâneos nos põem em estado de introspecção, não mais para nos questionarmos como se processa a chuva ou qual a veracidade existente no conceito de deus, mas, mais fortemente, para nos questionarmos acerca das nossas próprias vidas, das nossas escolhas e da possibilidade, ou não, da felicidade.

2.3 Conflitos entre *moral constituída* e *moral constituinte*

Maria Lúcia de Arruda Aranha apresenta, em seu livro, *Filosofando*, 1986, algumas reflexões a respeito da construção da moral de um indivíduo que podem nos ajudar a enxergar alguns sintomas da problemática das crises existenciais como sendo inerentes à própria constituição humana. Por esse meio, entretanto, a intenção não é a de minimizar os efeitos de uma crise em larga escala, catalisada pelos meios de comunicação que desenvolvemos, mas mostrar, justamente, como esses meios têm servido para intensificar o processo.

No seu estudo da moral como *costumes* ou código de conduta dos diversos povos, a escritora nos apresenta uma distinção entre o pensamento de moralidade que herdamos por filiação cultural e aquele que construímos em nossa existência. A moral constituída, desse modo, corresponderia ao primeiro, e seriam os códigos sociais embasados em nossos contextos históricos, religiosos, entre outros. A moral constituinte seria, então, o pensamento individual a respeito da moral constituída, que faria nascer uma terceira ponta para o triângulo do homem ético, a saber, o resultado do embate entre o pessoal e o coletivo. Entendemos, claramente, que esse desenvolvimento não é uma particularidade da nossa sociedade, mas explicamos, uma vez mais, que esse embate tem sido potencializado em virtude da acentuação na troca de informações e conteúdos significativos. Num mundo teoricamente mais amplo, onde a mobilidade de



cada indivíduo (social, religiosa, entre outras) é conscientemente mais facilitada, torna-se igualmente mais acentuado seu conflito de construção de moral. Suas concepções éticas e o seguimento de determinado conjunto de regras passam a se submeter, também, a suas escolhas, e não apenas à aceitação da herança recebida. Isso, como entendemos, constitui importante fator de ressignificação de conteúdos. Ou, como a escritora expressa:

“A ampliação do grau de consciência e de liberdade e, portanto, de responsabilidade pessoal no comportamento moral, introduz um elemento contraditório que irá, o tempo todo, angustiar o homem: a moral, ao mesmo tempo que é o conjunto de regras que determina como deve ser o comportamento dos indivíduos do grupo, é também a livre e consciente aceitação das normas.” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 302)

2.4 Super-estímulo e a controvérsia do desenvolvimento material exacerbado

Outro fator que compõe o cenário de crise existencial e que construímos para nós são as situações de super-estímulo nas quais estamos envolvidos. No afã de sanar todas as nossas necessidades materiais, que não são apenas de comida e bebida, mas constituem uma ampla rede de vaidades, acabamos por construir um emaranhado de situações de super-estímulo. Queremos os últimos lançamentos de computação e informática, os meios de transporte mais desenvolvidos. Estendemos nossa noção de “necessidade” a variados bens de consumo à primeira vista supérfluos.

O super-estímulo se refere à grande quantidade de coisas que nos chama atenção e, por existirem em relativa abundância, prejudicam nossas noções mentais de desejo e conquista. De acordo com o filósofo Schopenhauer (Parerga e Paralipomena, 1851), o ser humano tem sua vida dividida em três momentos. Num primeiro plano, o desejo. A partir dele, então, temos duas possíveis implicações. Caso o desejo não se concretize, o resultado provável é a dor. Caso ele se concretize, por outro lado, o resultado mais acertado seria o tédio. Ambos os casos podem se desenvolver até as mais variadas conseqüências, entre as quais a crise existencial, a depressão, o suicídio, etc.

O interessante de se notar, neste ponto, é que, dada a quantidade de oferta de bens de consumo, a humanidade chegou num ponto de desenvolvimento material tão grande que o próprio conceito de necessidade foi alterado. Temos acesso a todo tipo de bens, serviço e produção cultural. Nosso desenvolvimento material foi muito vasto,



resultando, aparentemente, no tédio previsto por Schopenhauer para as camadas mais abastadas e na dor também prevista para as camadas menos favorecidas.

2.5 Destruição do Espaço através do Tempo

Durante a história do pensamento ocidental, poucos assuntos receberam tanta atenção das mais variadas correntes como o tempo e o espaço. Sobretudo o tempo é alvo de inúmeras interpretações, sejam físicas, filosóficas, matemáticas ou religiosas. O desenvolvimento da nossa sociedade, contudo, põe-nos diante de uma questão um pouco mais delicada, na qual o tempo pode ser visto como fenômeno quase que objetivo: o tempo do relógio, a ordem das atividades diárias, a porção dos nossos dias dedicada a determinado assunto. O homem pós-moderno encontra boa parte de seu entendimento cultural a partir das Revoluções Industriais que, como se conhece, alteraram o funcionamento do trabalho e da vida cotidiana. Ao passarem a obedecer a um cronograma de produção fabril, as pessoas perderam – ou quase isso – suas noções de tempo ligadas à natureza, aos movimentos cíclicos das estações, ao nascer e pôr-do-sol, muito mais relacionadas ao trabalho de agricultura de subsistência, artesanato, e outros, característicos de um grande período da era medieval.

Em sua abordagem teórica do tempo, Hall nos apresenta algumas reflexões acerca da influência dos avanços tecnológicos e científicos em nossas concepções temporais. Ele afirma que ocorre “[...]a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2006, p. 69), e neste ponto eu pretendo me centrar. Sua avaliação parece se provar mais acertada a cada dia que passa, tendo em vista os recentes desenvolvimentos das telecomunicações. Com ocorrência principal nos dias de hoje, nos quais temos uma grande parte da população com acesso a meios de recepção e produção de comunicação – quer sejam televisores, celulares, computadores -, podemos constatar continuamente como os indivíduos são afetados pela instantaneidade de informação. Um acontecimento de determinada comunidade, como a “Primavera Árabe”, ou seja, as ondas de protestos e tomadas de poder em países da comunidade árabe, ganha dimensões muito mais sérias e profundas quando transmitido ao vivo para os mais variados lugares do mundo, nos quais ele será re-significado e pensado dentro de outros contextos. Recebemos pelos nossos canais de televisão, pela internet e pelos



jornais informações a respeito dos fatos ocorridos em tempo real, com uma diferença desprezível de frações de segundo.

Entretanto, mais detidamente, gostaria de pensar na ressignificação, em vez de centrar meu discurso no fato e nos meios de comunicação. As variações dos meios, como as abordagens diferentes dadas por diversos jornais, não me interessam muito por serem absolutamente relativas a diversos critérios dentro dos quais não quero entrar. A percepção que *nós* temos, no entanto, enquanto sociedade e, especialmente, enquanto indivíduos, apresenta variações mais sérias do ponto de vista da construção de significado e cultura. O impacto mencionado por Hall é o que causa em nós a sensação de estranhamento e reconhecimento – ao mesmo tempo –, de reconsideração dos nossos padrões políticos e sociais, da organização do nosso país. Um evento ocorrido a quilômetros de distância nos faz pensar nos caminhos que o país está tomando, em como devemos nos portar diante da nossa própria realidade e em quem devemos nos espelhar.

Esse é o efeito, curiosamente, da globalização. Ainda de acordo com Hall, “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 14), o que nos lembra o fato de que as nossas vidas estão se moldando, de certa forma, aos meios que criamos. Andamos mais impacientes, aguardamos a resposta de um e-mail com uma ansiedade desproporcional em relação à com que aguardavam os nossos antepassados a resposta de uma carta. Estamos, também, mais estressados e atarefados, com compromissos se espremendo em nossas agendas e pouco tempo restante para coisas mais espontâneas. Isso nos leva a questionamentos constantes, ainda que breves e, na maioria das vezes, superficiais, sobre nossas existências.

Clarice, da sua forma, aborda o tempo a partir do ponto de vista individual. A impressão passada em muitos de seus textos, como em *Brincar de Pensar* é a de que ela espera, constantemente, uma mudança súbita nas noções de temporalidade contemporâneas. A escritora se perde em devaneios e afirma achar frutífero o fato de a mente se *desocupar* dentro de si mesma e encontrar outros assuntos, outras ocupações. O seu tempo deveria ser muito mais calmo e contido, muito menos apressado do que o mundo pedia – “a atitude deve ser: não se perde por esperar, não se perde por não entender” (LISPECTOR, 1967, p. 24).



2.6 As novas formas de socialização como fator de crise

Hall questiona, também, em seu livro se as identidades nacionais (e aqui podemos fazer um paralelo com as identidades sociais e étnicas e, em última instância, individuais) um dia foram tão homogêneas quanto se faz parecer. Não entrando em pormenores dessa discussão, a negativa da ideia parece bastante acertada. Outro fator que coopera para a crise existencial em larga escala, no entanto, é o fato de os meios de comunicação mais recentes nos imporem, em virtude da globalização que pressagiam, uma forma nova de socialização – e, por *nova*, quero dizer apenas *sem precedentes*. Aqui cabe fazer menção a um antigo conceito apresentado por Rüdiger em seu livro *As teorias da comunicação*: “A comunicação começou a se desenvolver como matéria de reflexão somente em princípios do século passado [...]. Nos séculos XVIII e XIX, a expressão raramente era problematizada, referindo-se, sobretudo aos meios de transporte e suas vias de circulação” [RÜDIGER, 2011, p. 13]. Por essa referência, pretende-se apenas estender o entendimento de que a evolução na comunicação causou impacto na percepção espacial e temporal, ressaltando seu caráter de *aproximação*.

Em primeiro lugar, dispomos de um aparato tecnológico cada dia mais complexo, que causa a impressão da supressão espacial através da relativa supressão temporal. Como nossas percepções de tempo são alteradas pela instantaneidade de nossas comunicações, é normal que nossas percepções espaciais, igualmente, aproximem-se gradativamente da noção comum de “aldeia global”, ou seja, de que estamos inseridos num novo espaço mundial. Como, no entanto, trata-se de um “espaço” virtual – e aqui entramos na diferenciação que Giddens (1990, p. 18) fazia entre espaço e lugar, também abordada por Hall – a nossa noção temporal não altera, de fato, o espaço concreto – o lugar de Giddens –, e aí temos uma contradição clara.

Do ponto de vista teórico, a diferenciação proposta entre lugar e espaço é facilmente compreensível. Como analisamos, contudo, as implicações psicológicas causadas pelos avanços das comunicações no que se refere à causa de crises existenciais, precisamos ter em mente que a diferenciação entre a adaptação teórica e a prática é bem diferente. Para avaliarmos mais detidamente o caso, podemos partir de um exemplo mais atual. As novas mídias de comunicação instantânea, como as redes sociais, nos apresentam uma forma de sociedade diferente. Temos a criação de comunidades virtuais, com andamentos bastante peculiares. Assim sendo, um indivíduo pode estar em contato *instantâneo* com outro que se encontre a quilômetros de distância. Esse contato passa por uma mediação, alterando as percepções dos indivíduos



envolvidos com relação a tempo e espaço. Entretanto – respeitando a colocação de Giddens – o *lugar* permanece concreto, existente. As duas pessoas podem estar em contato, mas estão, irrevogavelmente, a quilômetros de distância. Essa é uma noção espacial que nosso desenvolvimento ainda não foi capaz de sanar instantaneamente.

Podemos pensar, a partir disso, que as novas formas de socialização são ilusórias. Não precisamos, porém, entrar nesse mérito. Nosso objeto de avaliação é o dano que pode ser causado a ambos os indivíduos em decorrência dessas mudanças. Como já foi mencionado, teoricamente temos um problema simples. Psicologicamente, no entanto, para cada pessoa envolvida na situação, as percepções espaciais e temporais são bastante confusas. Está-se em contato com outro indivíduo, mas não se pode vê-lo, tocá-lo ou senti-lo. Do ponto de vista psicológico-biológico essa questão pode trazer sérios prejuízos. Para finalizar esta seção, observemos uma curta citação do que Hall apresenta dos escritos de Giddens no que se refere à socialização, ou seja, que a globalização implica um diferente entendimento da concepção clássica de sociedade (pensemos em sociedades virtuais). E ainda, “Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2006, p. 68).

2.7 A parede fixa da dúvida do “eu”

“Estou com saudade de mim. Ando pouco recolhida, atendo demais ao telefone, escrevo depressa, vivo depressa. Onde está *eu*? Preciso fazer um retiro espiritual e encontrar-me enfim – enfim, mas que medo – de mim mesma.” [LISPECTOR, 1971, p 365].

Por meio desse parágrafo, podemos ilustrar o que foi brevemente comentado nas páginas precedentes. Clarice escreveu este texto para sua publicação semanal, acompanhado de outros de pequeno tamanho. Não podendo concluir que se trate de uma crônica – ao menos não na sua acepção original – a fuga ao gênero é passível de avaliação como sintomática da própria fuga ao “eu”. Reconhece-se facilmente em Clarice Lispector uma indicação – por exemplos dados e outros escritos – franca do que foi estudado sob o signo de *sujeito pós-moderno*, ou ao menos um início dele. Em nota introdutória à edição de 1999 de *A Descoberta do Mundo*, Paulo Gurgel Valente, filho mais velho de Clarice, acrescenta que os textos ali reunidos dificilmente se enquadram como crônicas, novelas ou contos.



Não nos deteremos, contudo, nos aspectos literários da obra, visto que ela constitui uma ilustração do nosso discurso. Podem ser encontradas, nesse pequeno trecho, indicações de alteração nas percepções temporal e espacial, afirmações de aparente crise existencial, entre outras coisas. Quando apresentamos o “eu” como parede fixa, queremos lembrar o conceito de lugar mencionado na seção anterior, apontado como espaço concreto. Não nos cabe analisar um fato “previsto”, ainda não ocorrido, como o desenvolvimento de tecnologias que quebrem essa parede. As nossas noções de identidade, cultura, tempo e espaço, portanto, ainda são fortemente delimitadas pelos contextos históricos e sociais que nos cercam, por assim dizer, a parede do lugar existente.

3 Considerações finais

Neste artigo foram apresentadas algumas considerações a respeito de crise de identidade ou, mais especificamente, da crise de identidade em larga escala que se tornou bastante comum no mundo contemporâneo. Por ele tentamos chegar a uma explicação dos vazios que aparentemente cercam as pessoas em suas vidas. Temos em mente, ainda, que as reações a essa crise não são inexistentes. Pelo contrário: ao mencionar o fato de que há um grande número de pessoas buscando ajuda profissional, pretendemos incluir neste estudo uma afirmação de possibilidade de resistência. Isso, no entanto, não entraria no caráter deste texto por questões bem delimitadas.

Em primeiro lugar, não temos ainda certeza acerca da efetividade dos tratamentos buscados. Em segundo, não temos, igualmente, evidências ou provas que possam falar em favor deles. Por último, não interessava à nossa proposta inicial discutir os meios de se sair das crises ou as possíveis “soluções” existenciais. Desta forma, não entramos em detalhes mais elaborados, que podem envolver considerações diferenciadas, religiosas, culturais, filosóficas ou de quaisquer tipos.

O trabalho que concluímos é, portanto, apenas uma espécie de ponte, uma observação mais aprofundada que visa a constatar a existência da crise e tentar explicá-la por meio de uma base teórica e outra ilustrativa. Como consta da introdução, e reafirmamos, é possível que este escrito não traga a ninguém a indicação de uma resposta. Quanto mais indivíduos acrescentarem aos seus elementos de crise, entretanto, estas considerações, mais próximos poderemos estar do entendimento de um mundo onde as distâncias parecem ter encurtado, mas não o fizeram de forma efetiva.



“Eu disse a uma amiga: ‘A vida sempre superexigiu de mim’. Ela disse: ‘Mas lembre-se de que você superexige da vida’. Sim.” [LISPECTOR, 1999, p. 39].



4 Referências

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2006. 102 p.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco; 1999. 478 p.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. 3. ed. São Paulo: Editora Moderna; 2003. 439 p.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. 1. ed. Porto Alegre: Penso; 2011, 152 p.

JARDIM, J. , CARVALHO, W. (diretores) (2001). **A janela da alma** [DVD]. Brasil: Europa Filmes.